

OUTROS LUGARES

Nos espaços entre Aldeias, há lugares com uma certa densidade populacional, que pela sua antiguidade e origem, assim como pela identidade própria dos seus habitantes, merecem aqui ser mencionados:

CAMARATE

O documento mais antigo que se conhece em que é mencionado o nome de Camarate (o de Azeitão) é uma carta de Dom Afonso IV, em que diz: "(...) e das cabeças ruyvas a camarate que foy de Estevam Zasto, e de camarate comosse vay dereitamente atravessando a serra da Rábida ...".

Não se sabe donde lhe vem o nome, mas há outros sítios com o mesmo nome: Camarate, perto de Sacavém e ponte de Camarate, perto de Alcochete.

Na Aldeia de Camarate e na sua casa da Quinta da Bela Vista, viveram os Sousas, Marquês das Minas, célebres nas campanhas da independência após 1640. Aí nasceu, mesmo, Dom Francisco de Sousa, que entrou com tropas portuguesas em Madrid, nos finais do século XVII, nas guerras da Sucessão de Espanha.

A Quinta da Boa Vista fazia parte dos bens do Morgadio de Camarate da Casa dos Marquês das Minas. Era a habitação mais importante da Aldeia e, além de casa nobre e celeiro, tinha anexas outras acomodações agrícolas, tais como Adega, Lagar de vinho, Lagar de azeite, e Abegoria e um logradouro murado.

Nesta casa nasceu, em 17 de Outubro de 1615, Dom Francisco de Sousa, 3º Conde do Prado e 1º. Marquês das Minas.

Manteve-se nos bens da Casa Minas, até à morte, em 1827, da 8ª Marquesa das Minas, Dona Joana Berardo de Sousa Lancastre e Noronha, que não tendo descendentes nomeou seu testamenteiro o Marquês de Borba, Dom Fernando de Sousa, que a recebeu como remanescente da herança.

Em 1834 pertencia à Marquesa de Borba, mulher do seu testamenteiro, e em 1843 o seu filho, Conde de Redondo, vende a quinta e várias courelas anexas a Francisco Manuel Correia Lopes, que por sua vez a cede a seu cunhado Manuel Caetano Pereira Martins. Mais tarde, um filho deste, de nome Francisco Manuel Correia Martins herda a quinta e por morte deste, em 1911, passa a pertencer à sua viúva Dona Ethelina Couvreur Correia Martins.

Em 1914, António Soares Franco Júnior, compra a Dona Ethelina a quinta e várias courelas anexas. Nessa altura viviam várias famílias na Aldeia de Camarate em pequenas casas rústicas e em mau estado de conservação. António Soares franco vai comprando as casas e transferindo os seus proprietários para casas que mandou construir na Aldeia de Pinheiros, saindo os últimos em 1940.

PACHECA

Na estrada que vai da Palhavã para as Vendas de Azeitão, fica a quinta da Pacheca e o sítio da Pacheca. No Solar dessa quinta esteve em tempos instalado, por alguns dias, El Rei Dom José, que aí assinou o documento que permitia o descoutamento do Vale de Picheleiros.

Apanhando os séculos XVII e XVIII aparece uma família de apelido *Pacheco*: Bartolomeu Pacheco pai de João Pacheco de Brito e avô de Maria Pacheca, viúva, que faleceu por volta de 1735.

Foram donos desta quinta (com posse útil, visto ser um foro da Bacalhoa) o Capitão João Pacheco de Brito, seu filho Bartolomeu e posteriormente, o irmão deste Duarte Pacheco.

João Pacheco de Brito e seu filho Bartolomeu viveram sempre em Oleiros de Azeitão. Em São Simão faleceram Francisca Pacheca, filha de Bartolomeu. Esta última era filha natural, visto que o pai nunca casou. A mãe dela, Maria Murzela, vivia também em São Simão.

Deve ter sido uma destas senhoras de apelido Pacheco, que deu nome à quinta e ao sítio da Pacheca.

PALHAVÃ ou PALHA-VÃ

A Quinta da Palhavã ou Palha-vã na antiga grafia, está hoje transformada em duas, mercê do corte longitudinal provocado pelo rompimento da estrada nacional que a atravessou, tornando-a em "Palhavã de Cima" e Palhavã de Baixo".

Pertenceu esta quinta à família do mesmo nome cujo apelido lhe adveio de uma quinta que tinham em Lisboa, com esse nome. (Recorde-se o Palácio da Palhavã, hoje sede da Embaixada de Espanha, e o Hospital da Palhavã).

As pessoas mais antigas conhecidas desta família são João Martins Palhavã e Afonso Martins Palhavã, no tempo do Rei Dom Dinis, do qual Afonso Martins foi Vice-Chanceler do Reino. Há ainda outro Afonso Martins, casado com Dona Sancha Pires, mas já no tempo de Dom João I.

Esta família foi dona de uma grande quinta em Azeitão. A viúva de João Martins Palhavã vendeu a maior parte da quinta a Afonso Mealha e deste, como já foi referido noutra local, passou para a Coroa e é hoje a Bacalhoa. A outra parte ficou na família mais tempo; em 1413 pertencia ao segundo Afonso Martins e a sua mulher. Depois, por terem falecido sem descendência, passou também para a Coroa. É hoje o sítio e a Quinta da Palhavã, Junto à Bacalhoa.